



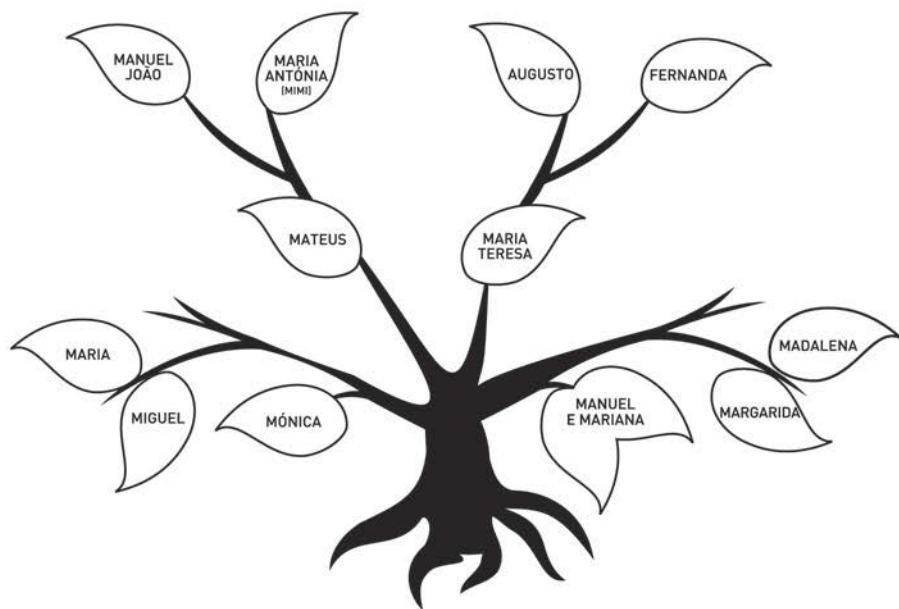
# E AGORA, RAFA?

Margarida Fonseca Santos  
Maria João Lopo de Carvalho

O	P	I	C	I	N	A
D	O	L	I	V	R	O

Conheces a Família dos 7 Irmãos?

Aqui vai...





## 1.

Hum...

Tem de ser, a Cristina disse que era muito importante.

Vá lá...

*Olá! Eu sou o Rafa. Parece que é bom escrevermos sobre o que nos vai na cabeça, e é isso que estou a fazer. Comprei este bloco para...*

Bolas! Pareço uma menina a escrever um diário. Que raio de ideia!!! Bom, não é bem assim, tenho amigos que também escrevem o que pensam – chamam-lhe diário de bordo. Também é estúpido! Não estou a bordo de nada, estou sentado na minha cama, dentro do meu quarto, em minha casa, em Santarém. Vivo muito pertinho das Portas do Sol, mas aqui dentro de mim parece tudo mais Portas da Noite, ou do Inferno, sei lá, qualquer coisa assim negra. Se quisermos chamar a esta casa um barco, talvez possa dizer-vos que está a naufragar.

A minha casa é agora um sítio onde nunca me apetece estar. Porquê? É simples, ou melhor, é complicadíssimo.

O meu pai e a minha mãe tiveram um acidente de carro. A minha mãe ficou mais ou menos, o meu pai não. Morreu. E sei que não morreu só ele: acho que um bocadinho de mim também desapareceu naquele dia, e em relação à minha mãe nem se fala. Parece-me que chora sempre que não estou ao pé dela. Quando estamos os dois, só funga e abraça-me. Aperta-me tanto que às vezes penso que, se isto continuar assim, acabo com os ossos feitos em picado.

Onde é que eu queria estar? Sem hesitar nem um bocadinho, digo-vos que queria estar em casa do Miguel Machado. Que família!!! O Miguel é o meu treinador no Desportivo de Santarém, e esteve sempre ao pé de mim na noite em que tudo aconteceu. Acho que sou um bocadinho irmão do Miguel; quer dizer, é assim que me sinto. O Miguel não precisa de mim, tem imensos irmãos!

A Maria é a mais velha, e já é tão velha que estuda em Lisboa, assim como o namorado. Ela quer ser advogada. Tem 19 anos, imaginem! Aqui há uns dias houve uma bronca enorme. Parece que o João Pedro, o tal namorado, está em riscos de sair de Portugal. Foi uma confusão, a Maria anda mesmo zangada.

Logo a seguir é o Miguel, com 18. É um supercraque do futebol, nem imaginam. Já foi aliciado para ir para o Barça e agora vai para a seleção sub-21! É um herói, o Miguel!

Depois há a Mónica, que tem 16 anos e é uma rapariga muito gira, para rapariga, quero eu dizer. Não é nada

assim como as outras, está sempre a jogar futebol, ou a andar de bicicleta, nunca para quieta. E também é muito querida; foi ela quem me deu mais atenção naquela noite, a seguir ao Miguel, claro.

Depois, é a loucura total! Conseguem imaginar dois gémeos tão diferentes, tão diferentes, que mais parecem polos opostos? São os desta família. A Mariana tem muitas ideias, mas nem sempre lhe correm bem; o Manel é um cromo que sabe tudo. Ou seja, ela faz asneiras, ele baralha-se; olhem, é um filme!

A seguir vêm mais duas miúdas – há muitas miúdas lá em casa! – a Margarida, que é da minha idade, e a Madalena, minúscula, que ainda só sabe ser engraçada, que faz beicinho quando se chateia, que anda no triciclo dentro de casa e atropela o pobre *Mister* quando ele está distraído. Ah, o *Mister* é o cão.

Ainda há lá em casa a Alice, que parece ser a mãe de todos, é verdade, e os pais, que são sempre megassimpáticos para mim. Imaginem que até combinaram que eu podia passar lá fins de semana, para não ficar tão triste e sozinho. São cinco estrelas. Não, são mil estrelas!

Se me perguntassem onde queria morar, eu dizia que era lá em casa, mas se calhar estou a ser muito injusto. A minha mãe, apesar de ser terapeuta da fala e de ter muitas consultas todos os dias, diz que se sente só e desamparada – também precisa de mim, também perdeu o marido, também está a sofrer. Os meus tios vêm cá várias vezes, vivem

perto, e estão sempre a dizer-lhe: «Tens de reagir, Helena, tens de reagir, olha o Rafael, vamos...» Não sei se adianta, mas lá vão repetindo isto. Como podem calcular, passo a semana a pensar na sexta-feira.

Hum... Continuo sem escrever nada.

Gostei dela, não posso mentir. Chamam-lhe doutora Cristina, eu só lhe chamo Cristina e trato-a por tu, foi ela que quis assim. Parece que terei de ir lá ao consultório sempre às quartas-feiras. Não me importo, gosto de conversar com ela. Esta ideia de escrever no caderninho é que me irrita um bocado, mas a Cristina, quando me queixei disto, só sorriu e disse que era normal. Pediu-me que fosse tentando. Só devo conseguir escrever coisas parvas, parece-me.

Devia anotar, à noite, três coisas boas que me aconteceram por dia. Nem sempre consigo. No entanto, quando estou com o Miguel, lembro-me de como é bom ser treinado por ele. Até já me deu algumas dicas para descobrir mais coisas para escrever no caderninho, mas quando volto para casa é sempre mais difícil. A mãe chora, eu sinto saudades até dos ralhetes do pai, e conversamos muito pouco.

*Hoje, as coisas boas foram: fui ao treino e marquei muitos golos; aprendi a rematar com o pé esquerdo; o Miguel esteve com o braço nos meus ombros enquanto explicou a tática que íamos aplicar.*

*Não me lembro bem do resto do dia. Acho que não ouvi nada nas aulas. Apetecia-me que tudo voltasse atrás, que não*

*tivesse acontecido nada. Sei que não pode ser. Hoje não escrevo mais nada.*

\*\*\*\*\*

A porta do quarto do João Pedro abriu-se. Sabia quem vinha lá, nem precisava de fazer um grande esforço, mas também estava decidido a não abdicar da sua vida com a Maria. Resolveu esconder debaixo dos livros as informações sobre empregos em Lisboa. Respirou fundo, cerrou os dentes e virou-se na cadeira. A mãe já estava sentada ali ao lado, torcendo as mãos de nervoso. O João Pedro agarrou-as, sempre em silêncio, não tinha coragem de olhar para ela. Sabia que tudo lhe estava a custar tanto a ela como lhe custava a si próprio. O pai não cedia, e ele também não ia ceder. Foi a mãe que tomou a iniciativa de falar:

– Não consigo demovê-lo, João Pedro, não consigo.

– E espero que também saiba que não me convence a mudar de opinião, mãe. Eu não vou voltar a trocar de país, como de costume. Passei a vida nisso. Agora chegou a altura de eu decidir o que quero e sei que não vou para Brasília, não vou abandonar os estudos em Lisboa e, mais importante, não vou abandonar a Maria.

Só nesse momento foi capaz de olhar para a mãe. Via como ela sofria com tudo o que estava a acontecer, mas também tinha a certeza de que a mãe o apoiava.

Depois de toda uma adolescência passada em países diferentes, sempre sujeito às colocações do pai, um diplomata de carreira, o João Pedro estava agora cansado de começar do zero, de perder as amizades, as ligações aos sítios. Se voltasse a sair de Portugal, fá-lo-ia com a Maria, estariam casados e unidos num projeto a dois.

– Tens a certeza, não tens?

– Não faça isso... A mãe sabe o que eu penso.

– Mas ainda há pouco tempo vocês se zangaram, lembra-te? Quando a Maria quis ir fazer o Erasmus.

– Isso foi estúpido da minha parte, claro que a Maria pode ir viver para fora. A única diferença é que agora nós decidimos que vamos juntos. O pai não me entende!

– Estás a ser injusto, João Pedro!

– Eu? Injusto?!

Nunca a mãe o vira tão alterado. O rapaz andava agora pelo quarto, tinha-se desprendido das mãos dela quase com raiva. Assustada, a mãe levantou-se também, tentou que ele olhasse para ela, que falasse tudo, e isso aconteceu de uma forma muito mais forte do que esperava:

– Estou farto, mãe, farto! O pai nunca está cá, e depois arrasta-nos para outro país e continua a nunca estar connosco. A carreira do pai é mais importante do que nós, não vê? Ele quer mandar em mim, não percebe que eu já tenho idade para decidir o que tenciono fazer.

Chegando-se à secretária, o João Pedro agarrou nos vários papéis que imprimira com informações sobre trabalhos



em *part-time* e mostrou-os à mãe, sem sequer reparar que os olhos dela se enchiam de lágrimas, estava tão chocada.

– Mas não é preciso nada disto... – balbuciou. – Nós mandamos-te dinheiro se ficares cá, se o pai te deixar ficar cá, quer dizer, nós...

– Mãe, oiça! – O João Pedro tinha as mãos pousadas nos ombros dela e olhava-a de frente. – Eu fico. É uma decisão minha. Vou trabalhar para me sustentar. Não interessa. Eu quero casar com a Maria, se o pai não entende isso, não há problema. Agora nem pensem que depois me vão dizer que foram vocês que pagaram tudo e que eu fui um... Como é que o pai diz? Um caprichoso. Eu sei tratar de mim!

– Eu não aguento isto! – E a mãe voltou a sentar-se e chorou. – Eu sei que tu tens de ficar, eu sei, mas não faças isto assim. Somos os teus pais...!

– Mãe, se são realmente meus amigos, deixem-me seguir a minha vida. Eu sei o que quero. Eu vou ficar.

\*\*\*\*\*

– Olá! – cumprimentou a Mónica, acabadinha de chegar das aulas. – Ficas connosco este fim de semana? Ótimo!

E, dando um abraço forte ao Rafa, a Mónica correu para a cozinha, seguida de perto pelo *Mister*, que não parava de saltar para lhe lambe as mãos. Do fundo do corredor, espreitou para a entrada e sorriu:

– Vais *estacionar* aí, Rafa? Anda, lanchamos juntos!

Na mesa da cozinha estava a cesta do pão, a manteiga, um pouco de marmelada e leite. Com alguma cerimónia, o Rafa entrou e sentou-se num dos bancos. Logo de seguida, entrou o Manuel e a Madalena.

A Mónica foi lavar as mãos no lava-loiças, o que deixou a Alice muito zangada:

– Então?! Não vê que estão aí as nabiças? Ai, esta menina... Saia daqui, vá comer, ande! Olhem para isto!

– Que tal a semana, Rafa? – quis saber o Manuel.

– Como de costume, uma seca...

– Não tiveste futebol?

– Tive, claro, se não fosse o futebol e a Cristina, acho que morria.

– Quem é a Cristina? – perguntou a Madalena. – É a tua namorada, é...?

– Não, Madalena, é uma senhora que... que... – O Manuel estava atrapalhado.

– Podes dizer, não tem importância – esclareceu o Rafa. – Olha, Madalena, é uma espécie de doutora para a cabeça.

A Madalena franziu o sobrolho. Não lhe parecia que o Rafa estivesse com alguma ferida na cabeça. Esticou o dedo e disse:

– Estás a mentir!

Um bocado de pão foi tapar-lhe a boca, e dessa forma a Mónica deu por terminado o assunto. Depois, disparou:

– Soubeste, Alice, o que aconteceu à Rita?

– A namorada do Miguel? – O Rafa queria ter a certeza de que acompanhava a conversa. – Aquilo do concurso de contos?

– A menina Rita concorreu a um concurso de contos? Ela gosta de escrever?

– Não estás bem a ver, Alice, nem o Miguel sabia!

– esclareceu a Mónica. – E não é «concorreu», ela ganhou!

– Alto e para o baile! – pediu o Manuel. – A Rita?! Ela escreve e não disse a ninguém?! Foi ela que ganhou os jogos florais de Vale de Nabais?

– Exato – confirmou a Mónica. – Tinha de se escrever um conto fantástico, assim com coisas estranhas, e ela concorreu sem falar com ninguém, enviou, esperou caladinha e telefonaram-lhe hoje à hora do almoço. Ficou histérica!

– O Miguel também – disse o Rafa, mostrando uma mensagem no telemóvel, enviada às duas da tarde. – Como não respondi logo, enviou outra vez, três segundos depois.

As cabeças juntaram-se para ver a mensagem: «*Man*, a Rita ganhou um concurso de contos, não é o máximo?!» Logo a seguir, outra igual, com a pequena diferença de ter mais pontos de exclamação.

– É um *tro!* – O Manuel abanava a cabeça. – Como é que ela nunca nos contou nada? Vai ter de nos mostrar o conto, ai vai, vai!

– O que eu acho estranho é o Miguel não saber que ela escreve... – pensou alto a Mónica.

– O Miguel o quê? – disse o irmão mais velho, entrando e roubando, sem cerimónia, o pão tão cuidadosamente preparado pelo Manuel.

– Ei! Esse é meu!

– Era, maninho, era... Claro que sabia que a Rita escrevia, julgam que sou parvo?

Tanto a Mónica como o Rafa fizeram uma careta, mostrando que não tinham bem a certeza se ele era, de facto, parvo, mas isso nem irritou o Miguel. Roubava agora o leite da Madalena.

– É meu! – resmungou a irmã, ficando logo calada. Assim que o Miguel lhe pegou ao colo e a encheu de beijos, já só conseguia sorrir. – O leite é meu...

– Mas dás ao teu mano querido, não dás?

– Vou vomitar, com tanta lamechice – suspirou a Mónica. – Até logo!

– A menina vai sair outra vez?

– Vou, Alice, preciso de ir buscar uns apontamentos a casa do Filipe. Tenho teste na terça, e os que ele fez no ano passado são fantásticos. Queres vir, Rafa?

O rapaz ficou sem ação. Não estava à espera de ser convidado a ir com a Mónica, mas depressa se pôs de pé, sacudindo as migalhas. Correu atrás dela, pegou na trela do *Mister*, ainda antes de ela lho ordenar, e vestiu o casaco. Iam os três.